

# Gaguejar, ruidosamente, outros trânsitos: Migrações territoriais, sexuais e de gênero



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 12, v. 1 nov.2019-abr.2020  
p. 01-05.

Cleber Braga, UNIFAP

Sayak Valencia, El Colef

Rafael Siqueira de Guimarães, UFSB/UFBA/Unesp

## To my transLatina sisters who are in ICE detention<sup>1</sup>

Soy Historia no Escrita!

Investigación no Esclarecida!

Tragedia Inesperada!

Noticia de Periódico Amarillista

Soy Transmigrante!

La Humillada!

La Violada!

La Asesinada!

La Olvidada!

Quién calló mi boca? Quién calló sus bocas? Quién?

Aquí hay muchas silenciadas...

Madre, porqué estoy aquí\_... tengo frío... tengo miedo...

(Voz Transmigrante)

Hablar de la Frontera, o la “Borderland”, como le nombra Anzaldúa, es complejo, ya que para mi las Fronteras no nada más son geográficas y físicas, sino que en el imaginario cultural, social y político, las Fronteras también son reales. Las fronteras limitan, oprimen y en mi caso, también retan a ser transgredidas. Tal y como lo hacemos a diario las personas trans, no binarias y no conformes con los géneros en esta sociedad, que retamos las fronteras impuestas por la sociedad normativa.

<sup>1</sup> Manifiesto preparado especialmente para este texto de apresentação por Alexandra Rodriguez de Ruiz, Consultora independiente en Sexualidad y Género, autora publicada en EEUU, España y México. Actualmente escribe su libro de memorias titulado Crucé la frontera en Tacones©.

Anzaldúa nos dice que: The Borderland “es un lugar vago e indeterminado creado por el residuo emocional de un límite artificial. Está en un estado constante de transición. Lo prohibido y lo vetado lo habitan. Los atravesados, las atravesadas viven ahí: los de mirada furtiva, las perversas, los queer, las busca-pleitos, los mestizos, cualquiera que sea mulato, mezcla de razas, o medio muerta; en resumen aquellos y aquellas que cruzan al otro lado, pasan por encima o traspasan los confines de lo “normal”.

Una vez que las personas trans cruzan la frontera hacia el Norte, tienen que afrontar y asimilar en suelo Norteamericano una intersección de identidades y encarar el racismo, la transfobia, la explotación y los estereotipos, que son una realidad para personas trans migrantes que llegan a EEUU buscando una libertad que muchas veces no encuentran.

\*\*\*

A migração converte-se em um dos temas mais presentes nos noticiários (inter)nacionais - além de configurar-se em importante objeto para as ciências humanas, sociais e também para as artes. É possível reconhecer uma generalização presente na maioria dos estudos migratórios que, segundo Marcelo Teixeira (2015), estão baseados em pressupostos heterossexistas. Esses, frequentemente, reduzem a figura do migrante ao do trabalhador que se desloca por razões econômicas, ignorando outros importantes elementos que compõem o desejo pela movência.

Assim, ainda são recentes os estudos sobre o sexílio - deslocamento geográfico motivado pela dissidência sexual e de gênero, considerando a discriminação, a violência e até mesmo a criminalização por vezes impostas às pessoas dissidentes, como defende Lawrence La Fountain-Stokes (2004), ou mesmo o deslocamento subjetivo, a sensação de não pertencimento a determinado grupo dadas essas mesmas dissidências, conforme nos fala Yolanda Martínez-San Miguel (2011).

Dialogando com nossa companheira Alexandra Rodriguez de Ruiz, a quem convidamos para abrir este texto, buscamos compartilhar um conjunto de estudos, pesquisas, diários de histórias não escritas, não desde uma perspectiva de mundo sem fronteiras, mas sim pensando que sim, as fronteiras são reais, fazem parte da narrativa de mundo. Pessoas atravessam fronteiras, por inúmeros motivos e afirmamos neste dossiê um passo fecundo, no Brasil, para



discutir, pensar, narrar, escrever, dialogar deslocamentos motivados por inconformidades de gêneros e sexualidades.

Para a capa desta edição, contamos com a generosa contribuição do artista e ativista Kleper Reis, com a obra *Capítulo 3: A Cura Gay, Versículo 6: Posso, com amorosidade, rebelar-ma? ou Muladhara*, que é parte do ensaio dos cravos vermelhos que integra a exposição "CU É LINDO", e foi fotografada por Renan Reis. Kleper é um artista fulcral para pensar o sexílio, pois sua obra é atravessada por esta experiência. Certamente, com Alexandra Rodriguez de Ruiz, Kleper Reis nos proporciona poética viva para este momento. Kleper e Alexandra vivem o sexílio, apostam na potência de ser e fazer desde a experiência do atravessar fronteiras, devires-border. O dossiê é composto por 13 contribuições, organizadas de forma a fluir pelas fronteiras de temas e disciplinas com as quais dialogam, também pensando as formas e as performatividades da escrita.

O texto de abertura, de Cleber Braga, *Fantasmografias, sexílios, cuirestéticoativismos*, apresenta, em forma de diálogos com produções artísticas, a organização de operadores teóricos para o entendimento do sexílio. O autor buscou, com este ensaio, propor modos de sentipensar, desde o enlace com os estudos de gênero, filosofia da diferença, as artes e a perspectiva decolonial.

Em *Violências cruzadas e obstáculos para a proteção de refugiados LGBTI*, Stéphanie Brum apresenta importantes dados sobre a migração LGBTI, que só vem sendo enfocada nas políticas públicas desde 2001, apresentando perspectivas de organização da trajetória destes estudos até o momento. *F2Mestiço* é a tradução de Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia Costa para o original de Logan Gutierrez-Mock, que versa sobre a condição mestiça e transgênero do autor mexicano-estadunidense.

*Desplazamiento forzado trans\*fronterizo: mujeres trans\* de Centroamérica en México*, de Alix Lorena Almendra, oferece um importante estudo etnográfico sobre a migração forçada de pessoas trans da América Central ao México, ampliando o debate para o entendimento que ocorrem, simultaneamente, múltiplos movimentos migratórios. *Migrar para o litoral: onde nossas histórias se encontram*, de Sérgio Pessoa Ferro, narra a história de Nina Kelly, travesti, transformista e costureira, em seu processo migratório ao litoral, promovendo um encontro entre a perspectiva da memória social com os estudos das migrações e de gênero.



*Nas rotas da vergonha*, de Nicolas Wasser, parte de uma perspectiva autobiográfica do autor, narrando e refletindo sobre seus trânsitos e sexílios neste mundo, compreendendo as operações tanto cisheteronormativas, da branquitude e de classe social como a compreensão norte-sul do ponto de vista geopolítico. Em *Paradoxos da (in)visibilidade na migração LGBTQ+*, Hadriel Theodoro faz uma discussão desde os estudos do Direito para compreender as problemáticas enfrentadas para o acolhimento das demandas destes sujeitos-em-trânsito e suas especificidades.

*Arquivo de resistências sexílicas*, de Rafael Siqueira de Guimarães é um ensaio visual de experiências potentes para pensar/sentir momentos em que afloram imagens que remetem ao devir sexílico. Em *Trânsitos de gênero em Cuba: políticas públicas y migraciones género-disidentes*, Yarlenis Mestre Malfrán, João Manuel de Oliveira e Mara Coelho de Souza Lago propõem uma ontologia de gênero desde a análise das políticas operadas em Cuba, desde uma história processual no país, visando perspectivar uma política emancipadora para este tema.

Em *Exílio LGBTQI+: o que restou da opressão?*, Tomaz Felipe Serrano e Daniel Braga Nascimento apresenta um estudo sobre o Exílio LGBTQI+ na época da ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1985, compreendendo como este período deixa marcas nos modos de lidar com este fenômeno ainda no país. *Ejercicio auto-etnográfico: blanquitud, mestizaje cultural y nomadismo feminista*, de Paola María Marugán Ricart, é um ensaio auto-etnográfico que reflete sobre a condição de curadora e feminista no contexto das fluências e dos trânsitos no interior do espaço das Artes Contemporâneas, geopoliticamente localizada no sul global.

*Refugiados LGBTQTI: O papel da ONU e a invisibilização dos LGBTQTI* perante o conceito de refugiado no sistema internacional, de João Marcos Pinheiro, Jonnathan Lobo e Karina Junqueira, trazem à tona a discussão sobre o papel da Organização das Nações Unidas no contexto das migrações LGBTQTI, enfocando especialmente em como as estratégias utilizadas pela organização, utilizando para isto as teorias das Relações Internacionais, ainda mantém a marginalização destes indivíduos. *Quanto mais me sinto, mais vejo que sou flor e ave e estrela e universo: histórias de Tieta, uma travesti que se fez em trânsitos*, de Danillo Bitencourt Santos e Marcos Lopes de Souza, fecha este dossiê com a história de Tieta, travesti que vai do Ceará à Bahia: transmigrante nordestina que vem com carão a este encontro.

A multiplicidade de olhares marcou este dossiê, que trata de um tema que, mesmo já tendo alguma literatura organizada, ainda está fora de ser o centro das preocupações nos estudos



migratórios e tampouco nos estudos de gênero e sexualidades. Pensamos que a noção de sexílio pode ser muito útil para, inclusive, seus desdobramentos, mas, sobretudo, pensar o trânsito, a fluidez e a fronteira pode ser elemento constitutivo de novas compreensões sobre as dissidências sexuais e de gênero. Marcamos, neste dossiê, o quanto também as pesquisas de fronteiras nas Américas podem subsidiar diálogos para pensarmos nosso lugar, o Brasil, no contexto da América Latina. Ainda nos faltaram contribuições de outros continentes, e seguiremos na possibilidade de diálogo, muito felizes por afirmarmos temática que nos é tão cara, esperando serem estas boas referências para a ampliação da área.

Em trânsito, seguiremos!

Macapá/Tijuana/Ilhéus/Salvador, dezembro de 2019.

---

### Referências

CU É LINDO, Capítulo 3: A Cura Gay, Versículo 6: Posso, com amorosidade, rebelar-ma? ou Muladhara. Performer, idealizador e editor de imagem: Kleper Reis. Foto: Renan Reis.

LA FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. “*De sexílio(s) y diáspora(s) homosexual(es) latina(s)*: El caso de la cultura puertorriqueña y nuyorican queer”. Debate feminista, Distrito Federal – México, Ano 15, Vol. 29, p. 138-157, 2004.

MARTÍNEZ-SAN MIGUEL, Yolanda. *Sexilios*: hacia una nueva poética de la erótica caribeña. América Latina Hoy, vol. 58, Salamanca: Universidad de Salamanca, 2011, p. 15-30.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. ‘*Metronormatividades*’ nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. Áskesis, São Carlos, SP, v. 4, n. 1, 2015, p.23-38.

